

O inestimável legado acadêmico e intelectual do saudoso Prof. Roberto Camps de Moraes*

The invaluable academic and intellectual legacy of the late Prof. Roberto Camps
de Moraes

André Filipe Zago de Azevedo**

UNISINOS, Brasil
aazevedo@unisinos.br

Esse artigo procura fazer uma singela homenagem ao saudoso professor Roberto Camps de Moraes, falecido em dezembro de 2020. Ele se baseia em relatos de amigos e colegas, mostrando a importância que ele teve para a ciência econômica em nosso estado nas últimas décadas. Destacam-se o seu papel relevante na formação das novas gerações de economistas e suas

contribuições intelectuais na área de Macroeconomia como professor, orientador e pesquisador. Também se examina a sua transição de jovem marxista a liberal convicto já na sua idade madura. Por fim, são relatadas histórias e passagens importantes na sua vida, que sintetizam a saudade e a emoção daqueles que tiveram a oportunidade de terem convivido com ele.

* O artigo foi elaborado a partir de relatos de vários colegas e amigos do Prof. Roberto Camps de Moraes, entre eles: Eduardo Pontual Ribeiro, Ernani Hickmann, Hélio Henkin, João Rogério Sanson, Marcelo Savino Portugal, Sabino da Silva Pôrto Jr., Tiago Wickstrom Alves e Yeda Rorato Crusius.

** Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo, RS, Brasil. Doutor em Economia pela University of Sussex (2001). É professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), vinculado ao PPG em Economia e ao PPG Profissional em Gestão e Negócios e editor da Revista Perspectiva Econômica. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq: Integração Econômica Internacional.

Introdução

A elaboração de um artigo em homenagem a Roberto Camps de Moraes foi uma iniciativa conjunta de seus amigos e colegas. Procuramos fazer uma singela homenagem a alguém tão especial, de quem sentimos tanto falta. O artigo se baseia, principalmente, nos depoimentos desses amigos e colegas, cabendo a mim apenas a sua condução, por meio de um fio condutor a partir dos relatos, histórias e algumas, bem-humoradas, inconfidências contadas por eles.

O Professor Roberto Camps de Moraes faleceu em 11 de dezembro de 2020, aos 72 anos de idade, deixando um profundo vazio intelectual nos meios acadêmicos do estado e do país. Grande parte de sua vida esteve dedicada ao trabalho acadêmico na área de Economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tanto na graduação como na pós-graduação. Ele também foi professor na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), quando tive a felicidade de ser seu colega, tendo papel fundamental na aprovação do Programa de Pós-Graduação em Economia em 2005 junto à Capes.¹

Pode-se dizer que o Roberto Camps se destacou de várias formas no meio acadêmico, mas a sua inestimável contribuição para a formação de novos economistas é a sua faceta mais reconhecida. Isso transparece em praticamente todos os relatos colhidos para o artigo. Seus ex-alunos lembram com nostalgia as suas aulas de Macroeconomia e Economia Internacional, onde dividia, com ânimo incomum, seu vasto e profundo conhecimento dos temas abordados. Seus ex-orientandos, muitos agraciados com prêmios resultantes de suas dissertações e teses, enaltecem seu estímulo incessante à busca do conhecimento.

Essa capacidade de inspirar os novos economistas está diretamente relacionada a sua ampla bagagem intelectual. Ele é reconhecido como um dos maiores

economistas gaúchos, com contribuições importantes sobre temas macroeconômicos de destaque em sua época.

Outro aspecto de sua vida acadêmica que chama a atenção foi a sua conversão de jovem socialista a um maduro liberal. Esse processo foi gradual, com seu Doutorado nos Estados Unidos da América e o seu amadurecimento intelectual, fruto do acúmulo de conhecimentos e de experiências já como docente na UFRGS, tendo desempenhado um papel importante nessa mudança.

Finalmente, o artigo aborda algumas percepções mais íntimas de seus colegas e amigos sobre a sua pessoa, obtidas pelo convívio próximo, geralmente em lautos jantares regados a um bom vinho ou como resultado de suas famosas caminhadas no Parcão. Esses aspectos rapidamente descritos aqui são aprofundados nas próximas seções.

Formador de novos economistas

Uma das mais nobres e desafiadoras funções de um professor universitário é provocar a curiosidade intelectual de seus alunos, instigando a busca constante por novos conhecimentos. Não conheci ninguém que fizesse isso melhor do que Roberto Camps. Tive o prazer de ser seu aluno na graduação e no mestrado da UFRGS e lembro nitidamente o seu estímulo à leitura detida e minuciosa dos textos, dos clássicos aos contemporâneos, de Macroeconomia e Economia Internacional.

Nos anos 1990, quando cursei o Mestrado, impressionava a quantidade e a qualidade dos artigos requeridos para leitura. Nessa época tive o primeiro contato com vários autores que mais tarde, em meu Doutorado, continuei explorando. Não tenho dúvida que a sua influência intelectual colaborou decisivamente para me tornar um economista internacional, assim como deve ter ocorrido com tantos outros alunos seus.

¹ Roberto Camps foi professor na UNISINOS entre 2005 e 2009.

Essa percepção a seu respeito como sendo um emérito formador de novos economistas, ampliando os horizontes intelectuais de quem com ele convivesse, de forma atenciosa e serena, é compartilhada por vários ex-alunos, como Sabino Pôrto Jr. bem expressou no relato a seguir:

Tenho muitas lembranças com o professor Roberto Camps, fui seu aluno em duas disciplinas – Macroeconomia I e Economia Internacional – no doutorado e, tempos depois, nos tornamos colegas no PPGE/UFRGS. Estamos falando de um período de 26 anos de admiração e de convivência com um ser humano nobre, tímido e muito inteligente que sempre nos recebia com um sorriso calmo e que nos atendia ou nos aconselhava com generosidade e com raciocínio impecável. Nas disciplinas que ministrava, o professor Roberto sempre abrangia mais do que estava no roteiro dos livros textos e, em momentos iluminados, expandia o nosso campo de visão com conhecimento de história, em sentido amplo, e em história econômica, com comentários sobre referências importantes na área de Macroeconomia ou de Economia Internacional. Numa época que não tínhamos ainda alcançado a era digital e que não existiam ‘os periódicos Capes’ ou sistema online de acesso a artigos e livros, esses aspectos das suas aulas ampliavam nossa visão de mundo.

A sua didática diferenciada e a sua atenção e paciência não se restringia apenas aos seus alunos, jovens colegas também acabavam desfrutando delas. Eduardo Pontual Ribeiro, seu colega na UFRGS, ainda no início de sua carreira acadêmica, destaca esses aspectos neste trecho:

[...] de grande importância para a formação de gerações de economistas no Brasil. Após conhecê-lo pessoalmente em fins de 1996, ficou clara a preocupação que ele tinha como formador de economistas, como professor, e fomentador da pós-graduação no Rio Grande do Sul. Nesta formação, deu grande apoio a jovens profissionais como eu, estrangeiro nas plagas da João Pessoa 51, em início de carreira. Por muitas vezes, com grande paciência ele me esclareceu temas de macroeconomia a um microeconomista. E nas diferentes linhas de pensamento

macroeconômicos, pois transitou por várias, com o espírito do tempo nas mãos e nas datas.

Essa capacidade ímpar de formar com qualidade seus alunos ao longo de várias décadas e em diferentes instituições foi pontualmente destacada por Marcelo Portugal:

Roberto foi uma figura importante na formação de várias gerações de economistas gaúchos, tanto na UFRGS quanto na UNISINOS.

Ao longo de sua trajetória acadêmica, Roberto Camps orientou 32 alunos de graduação, 35 de Mestrado e quatro de Doutorado. Se alunos e colegas percebem sua virtude de sempre estimular a busca pelo conhecimento, seus orientandos, pela convivência mais próxima e frequente, tiveram a oportunidade de aproveitá-la ao máximo, como é o caso de Hélio Henkin, conforme ele relata a seguir:

Na minha vivência como aluno e orientando, destaco um fato – aparentemente trivial – mas que atesta tais qualidades. Eu tinha ficado impossibilitado de participar de uma atividade avaliativa complementar na disciplina de Macroeconomia no PPGE/UFRGS. Um dos tópicos relativamente avançados naquele período era relacionado a modelos macroeconômicos que utilizam a estrutura de concorrência monopolística cujos pilares eram fruto dos trabalhos semanais de Michael Spence, publicado em 1976, e de Avinash Dixit e Joseph Stiglitz, que haviam publicado um texto para discussão em 1975 e um artigo em 1977. O Roberto queria não apenas utilizar o resultado apresentado na modelagem, mas também que eu entendesse a derivação algébrica que gerou aquele resultado, e que não vinha completamente demonstrado nos capítulos dos livros. Aí me atribuiu como tarefa avaliativa montar a demonstração algébrica, que não era nada trivial e que lembro de ter tido que fazer um ou dois atalhos simplificadoros para poder chegar ao resultado. Esta virtude do Roberto significava estimular o conhecimento dos caminhos e das técnicas que chegam a resultados importantes da teoria, enfatizando uma busca permanente de como os modelos são construídos desde sua base e condições iniciais.

Tiago Wickstrom Alves, que assim como eu foi seu aluno na UFRGS e seu colega na UNISINOS, também destaca as virtudes do intelectual, mas acima de tudo do professor Roberto:

Conheci o Roberto quando estava cursando o meu Doutorado em Economia, me impressionando com o conhecimento que ele possuía de autores, de temas e dos conteúdos dos mais diversos artigos. Também se destacou pela simplicidade e atenção que tinha com os alunos, nos recebendo sempre que o demandávamos para tirar dúvidas do temível livro do Blanchard e Fischer².

Esse seu amor à academia, que lhe trouxe tanto reconhecimento, por vezes o privou de cargos públicos de destaque, como bem relata Yeda Rorato Crusius, sua professora e orientadora de sua dissertação de Mestrado:

Despojado em relação às vaidades de ser um economista com alto cargo, lembro do dia em que, sendo chamada a ocupar o Ministério do Planejamento de Itamar Franco, em 1993, pedi que me acompanhasse na difícil tarefa de elaborar um orçamento em tempos de hiperinflação. A resposta foi calma, tranquila, plena: “obrigado pela confiança, mas prefiro ficar, porque já preparei o curso de Matemática Aplicada, e é o que quero fazer neste semestre”. Ora, a ribalta de Brasília... Ser em tempo integral professor foi a sua escolha. Querido e grande Roberto, saudade.

Por sinal, Yeda e Carlos Crusius, seus orientadores e professores no Mestrado na UFRGS, tiveram um papel importante no desenrolar de sua vida acadêmica. O casal foi responsável por instituir a pós-graduação em Economia na UFRGS, no início dos anos 1970, da qual Roberto foi um dos primeiros alunos. A experiência deles no exterior também deve ter lhe inspirado a seguir seus passos e fazer o seu Doutorado nos EUA.

Como pode ser percebido, todos os relatos convergem para a vocação natural do

Roberto de, mais do que ensinar, saber estimular a busca incessante pelo conhecimento, tratando os alunos com respeito e sendo acessível a todos eles. Essa sua devoção ao ensino ajudou a formar centenas de economistas ao longo de mais de três décadas, servindo de modelo e inspiração aos seus alunos, orientandos e colegas. Mas ele conseguia a atenção e admiração de seus alunos pelo seu profundo conhecimento dos temas que abordava, o que será ilustrado na próxima seção.

O intelectual

Roberto é o que se pode chamar de um intelectual, com todos os atributos que caracterizam esse conceito, aliando erudição, conhecimento teórico avançado e enorme capacidade de reflexão e interpretação da realidade à luz de seu conhecimento. Essas virtudes o tornaram uma referência na área de Macroeconomia, lidando com maestria dos maiores variados temas relacionados a essa área de conhecimento.

A sua trajetória acadêmica inicia com a graduação em Economia e Ciências Sociais, ambas finalizadas em 1971, na UFRGS. O seu Mestrado em Economia, realizado no biênio 1972-73, também na UFRGS, teve como título da dissertação “A Curva de Phillips: Duas Versões para Economias Ricas e uma Hipótese para Economias Pobres”, sob orientação de Yeda Crusius. Percebe-se que a sua preocupação com a inflação, presente em boa parte de suas publicações posteriores, já se fazia presente ali. A sua tese de Doutorado, na Universidade de Vanderbilt, nos EUA, tratou das trocas desiguais no comércio internacional, sendo orientado por Andrea Maneschi.

A sólida formação acadêmica permitiu que Roberto desenvolvesse a sua capacidade analítica ao extremo, unindo rigor e curiosidade intelectual. Essa curiosidade intelectual pode ser expressa pela sua enorme biblioteca, refletindo a sua avidez

² Tiago Alves se refere ao livro cuja referência é: BLANCHARD, O. J.; FISCHER, S. **Lectures on Macroeconomics**. Cambridge: The MIT Press, 1989.

por estar sempre atualizado acerca do debate teórico, especialmente em temas relacionados à Macroeconomia e à Economia Internacional.³ Essa sua virtude permitiu que ele se destacasse não “apenas” como um grande professor, mas também como pesquisador. Isso pode ser percebido no seguinte relato de Sabino Pôrto Jr.:

O professor Camps agregava erudição, discernimento e um diálogo entre a literatura recente e a clássica nos vários temas abordados: inflação, política monetária, questão fiscal, crescimento econômico etc. Vários artigos de revisão da literatura e de comentários sobre temas em Macroeconomia do Professor Roberto ainda são atuais e relevantes. Além disso, considero que duas outras contribuições relevantes para o ensino de Economia na UFRGS: a tradução do livro *Matemática para Economistas*, do Alpha Chiang; e o curso de Macro I do PPGE baseado no livro do Blanchard e Fischer, em meados dos anos 1990.

A tarefa colossal de tradução do livro de Alpha Chiang é amplamente reconhecida por vários colegas, como Eduardo Pontual Ribeiro relata:⁴

Como muitos da minha geração, ‘conheci’ o Roberto sendo ele o tradutor do livro do Alpha Chiang. Traduzir um livro daqueles fora uma tarefa hercúlea, ou como ele mesmo deu a entender numa conversa, até inconsequente pelo tamanho do trabalho.

Mas a tradução do livro de matemática foi apenas o início de uma trajetória acadêmica de destaque. No mesmo ano em que finaliza a tradução do livro, publicou um artigo seminal em uma das melhores revistas de Economia do país, abordando o crônico processo inflacionário brasileiro, que permaneceu como o principal problema macroeconômico do país dos anos 1980 até meados dos anos 1990. Marcelo Portugal destaca justamente essa publicação em seu relato sobre a contribuição intelectual do Roberto ao debate acadêmico:

Nos anos oitenta ele contribuiu para o debate acadêmico sobre as origens e consequências da elevada inflação brasileira. Destaco em especial seu artigo “Os Efeitos Redistributivos da Inflação e os Reajustes Salariais”, publicado na revista *Pesquisa e Planejamento Econômico*, em 1982. Enfim, Roberto deixa um legado como economista e ser humano.

Naquele mesmo ano, ele ainda publicaria mais dois artigos, abordando a inflação brasileira e os seus efeitos sobre os reajustes salariais. Nos anos e décadas seguintes, ele continuou demonstrando uma capacidade ímpar de tratar de temas macroeconômicos na fronteira do conhecimento. Esse é um atributo destacado por Hélio Henkin, com ênfase na sua preocupação sobre a recorrente inflação brasileira:

Fui aluno de Roberto Camps de Moraes no curso de graduação e de pós-graduação, bem como fui orientando dele na minha dissertação de mestrado. O Roberto sempre foi muito reconhecido pela sua capacidade de lidar com os temas avançados da macroeconomia, não se satisfazendo apenas em ensinar os temas e modelos tais como apresentados nos livros textos, procurando sempre estimular uma investigação mais minuciosa do material, quer para finalidade de ampliar o conhecimento, como um modo pedagógico. [...] Mais adiante, o Roberto foi meu orientador da dissertação de mestrado. O tema que eu escolhi não se enquadrava no figurino da macroeconomia que ele lecionava, pois eu pretendia fazer uma análise da evolução das teorias e modelos que buscavam compreender a especificidade da inflação alta e crônica na América Latina e, de modo especial, no Brasil. Era uma tese que reunia uma perspectiva da evolução histórica do problema inflacionário e a perspectiva das visões ‘locais’ sobre o problema, incluindo o estruturalismo latino-americano e os enfoques sobre inflação brasileira e as armadilhas da indexação e da moeda indexada, onde eu procurava mostrar que as teorias evoluíram procurando incorporar e

³ Tive a oportunidade de conhecer a sua biblioteca e pude perceber a qualidade e a vastidão de seu acervo. Em uma contagem precária, pude enumerar mais de três mil livros.

⁴ O livro ao qual me refiro é CHIANG, A. **Matemática para economistas**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

expressar os fenômenos reais e históricos e as mudanças concretas ocorridas ao longo de 40 anos no Brasil, para permitir uma melhor compreensão do complexo fenômeno inflacionário brasileiro. Esta visão tolerante a abordagens não muito ortodoxas foi fundamental para que a dissertação fosse finalizada e que, ao final acabou estando entre as dissertações contempladas com o Prêmio BNDES em 1993. A tolerância dele também se estendeu a aceitar as minhas condições de trabalho, pois acabei elaborando a dissertação simultaneamente a atividades executivas fora da academia (algo que no início dos anos 90 ainda era permitido). Acabamos reconhecendo que as virtudes da dissertação estavam mais nesta interpretação histórica da evolução do esforço teórico e na redação e apresentação dos modelos, do que numa eventual robustez em modelagem e/ou e avaliação empírica de modelos, mas o resultado acabou sendo satisfatório. Essas vivências me permitem sintetizar minhas percepções sobre o Roberto numa grande virtude: a de colocar no primeiro plano das prioridades a busca do conhecimento, sejam quais forem as barreiras e a especificidade do contexto.

Além disso, Roberto era um homem de seu tempo, sempre buscando se atualizar com novas ideias e conceitos, como destaca Eduardo Pontual:

Mais uma característica que reconheci, o acompanhar do desenvolvimento do pensamento econômico pelas décadas de 1970, 1980 e 1990, período de grandes mudanças. Me lembro da forte opinião que teve de rever os antigos vinhos que tanto tinha sorvido e produzido no livro do Thomas Piketty, *O Capital no Século XXI*. E por fim, vale notar a percepção, entendimento e engajamento nos movimentos econômicos e políticos do mundo, acompanhando o mover do mundo muito além das fronteiras regionais e nacionais, particularmente como representante de uma geração que passou dos anos 1960 para o pós-Guerra Fria dos anos 1990 e 2000 e as novidades dos anos 2010. Ver o que escreveu ao longo do tempo e ouvir o que debateu nos diferentes fóruns dará ao leitor boas visões do entendimento em cada período.

Como se percebe pelos relatos dessa seção, Roberto apresentava um profundo

conhecimento teórico sobre variados temas macroeconômicos. A sua sólida formação acadêmica foi alimentada por uma curiosidade intelectual ímpar, que lhe transformou em uma referência na sua área de pesquisa e serve de inspiração para aqueles que seguem a vida acadêmica.

De marxista à liberal

Um dos aspectos mais marcantes da vida acadêmica do Roberto foi a sua transição de um jovem e convicto marxista a um maduro e inabalável liberal. João Sanson, colega dos tempos de Doutorado na Universidade de Vanderbilt, é quem mais elaborou nesse ritual de passagem:

Durante o período de convivência em Vanderbilt, fiquei familiarizado com a visão de mundo do Roberto e com detalhes de sua vida. Como a grande maioria de estudantes universitários de sua época, tinha sido marxista. Tinha até sido agredido por um policial por conta disso. Nos EUA, ainda tinha simpatia pela visão socialista. Deu-me os três volumes de *O Capital*, na caprichada edição em inglês de Moscou, cuja coleção tinha em duplicata por ter recebido de um colega uruguaio que não podia levá-los de volta a seu país por conta da ditadura deles.

Durante o seu Doutorado, Roberto ainda se mantinha fiel às convicções socialistas e a transição plena ao liberalismo só ocorreria após a sua volta ao Brasil, como Sanson novamente testemunha:

Em nossas conversas de grupo, especialmente nas festinhas de brasileiros, em certa ocasião apresentou-me o visitante Duílio Bêrni, anos depois meu colega de UFRGS e de UFSC. Dada minha história pessoal e leituras, eu demonstrava uma certa alienação sobre questões ideológicas. O máximo a que eu havia chegado era ao debate, sobre a viabilidade do socialismo, entre F. A. Hayek e Oskar Lange ao final dos anos 1920. Os gaúchos, mais o mineiro Roberto Martins, discutiam acaloradamente os temas políticos e econômicos da época, sendo o Roberto o mais socialista do grupo. Nenhum era simpático ao liberalismo. Eu apenas tentava entender o debate e praticamente só ouvia. Alguns anos depois do doutoramento, cuja

tese tratou da troca desigual, o Roberto tornou-se gradualmente um liberal. Eu me atrevera a dizer que ele se tornou um liberal de centro. [...] Ainda naquele período (anos 1980), o Roberto, o Giacomo e eu, junto com outros colegas gaúchos participantes do encontro da Sociedade Mont Pelèrin no Rio de Janeiro, tivemos a oportunidade de cumprimentar e de tirar fotos com Anna Schwartz, a lendária parceira de pesquisas de Milton Friedman sobre temas monetários e de quem o Roberto conhecia a obra, e com Murray Rothbard, um dos líderes americanos da teoria econômica austríaca. Nos dois casos, o Roberto aparece ao lado dessas estrelas. Eu apareço como papagaio de pirata. O Roberto era agora um liberal assumido.

Essa percepção da mudança gradual em direção ao liberalismo, também pude perceber a partir da conversa informal que tive com a esposa do Roberto, Maria Heloísa Lenz. Ainda nos EUA, ele já estaria desiludido com o socialismo real, com a perda de liberdade e democracia e excesso de autoritarismo, típicos da ditadura cubana, chocado com os eventos da primavera de Praga e, principalmente, com os relatos sobre os crimes cometidos por Stálin.

A mesmo tempo que se frustrava com a prática socialista, Roberto passou a frequentar uma escola neoclássica em seu Doutorado em Vandelbilt, o que deve ter lhe levado a questionar ainda mais o seu ideal socialista. Além disso, a escolha de seu orientador neoricardiano Andrea Maneschi e o próprio tema de sua tese já demonstravam uma ruptura, mesmo que parcial, com a visão socialista.

A sua transição para o liberalismo se completou quando voltou ao Brasil após o Doutorado e passou a reler os economistas clássicos, especialmente Adam Smith, bem como economistas liberais contemporâneos, como Roberto Campos. Além disso, estudou profundamente a vida e a obra de Milton Friedman e os economistas austríacos, bem como as contribuições de Ayn Rand, sinalizando a sua mudança de percepção. Essa mudança se consolidou com os acontecimentos do início dos anos 1980, especialmente com a ascensão ao poder de Margaret Thatcher e de Ronald Reagan.

Mas essa transição foi sofrida, especialmente no lado pessoal, com o distanciamento de amigos de longa data, que não compreenderam ou aceitaram a sua mudança ideológica. A última seção desse artigo trata da percepção de seus amigos fiéis, que se mantiveram próximos a ele, apesar de sua nova visão de mundo, e demonstram saudade e emoção com a sua perda.

O ser humano

Recebi muitos relatos com histórias jocosas e passagens importantes na vida do Roberto Camps, geralmente ocorridas em jantas regadas a um bom vinho ou em suas caminhadas com os amigos, geralmente no Parcão, em Porto Alegre. Confesso que lamento nunca ter tido a oportunidade de participar dessas caminhadas, mas tive a chance de jantar certa vez em sua casa, quando já éramos colegas na UNISINOS. Ainda lembro bem do sabor da picanha no forno e do vinho tinto servidos naquela noite na sua casa, acompanhado de sua esposa, Maria Heloísa Lenz, e de colegas da universidade.

As caminhadas perdidas foram substituídas pelos inúmeros cafés que tomamos nos seus anos de professor na UNISINOS. Tiago Alves relembra bem esses momentos:

[...] esses contatos se ampliaram para uma amizade que se solidificou ainda mais quando ele se tornou nosso colega na UNISINOS no PPG de Economia. Um dos meus prazeres era o horário do cafezinho para bater papo sobre as tendências da economia, pois sempre era um verdadeiro aprendizado aqueles momentos.

Já Marcelo Portugal se refere à convivência com o Roberto e às famosas caminhadas:

Conheci o Roberto no início de 1993, quando cheguei a Porto Alegre para dar aulas no Programa de Pós-Graduação de Economia da UFRGS. No lado pessoal, o Roberto me ajudou muito no que diz respeito à minha integração pessoal e profissional no Rio

Grande do Sul. Com o tempo, passamos de colegas de trabalho a amigos. Além do convívio profissional nos encontrávamos com frequência para caminhadas no Parcão, recheadas de boas conversas sobre economia e política.

O Roberto agradável, generoso e bom de papo também surge nesse trecho de Sabino Pôrto Jr.:

O indivíduo Roberto Camps era um excelente amigo e tinha uma postura equilibrada que conciliava posicionamentos claros, objetivos e diretos com um raciocínio lógico e com sólida argumentação e erudição, tudo construído com serenidade e num tom amável e de respeito com o interlocutor. Nos nossos encontros sociais, brindava-nos com atenção e com histórias sobre temas variados que cobriam futebol, eventos da política e histórias dos bastidores da economia brasileira e norte-americana. Lembro-me de vários momentos informais de convívio com o professor Roberto carregados de emoção e de inteligência elegante e de uma conversa sempre erudita e bem urdida. Por fim, gostaria de destacar um aspecto da postura do professor Roberto, ele tinha amigos em vários campos ideológicos distintos e acolhia a todos com respeito e generosidade. Muito obrigado, professor Roberto.

O prazer de poder desfrutar de sua convivência também é destacado por Yeda Crusius:

Quando se vive de modo integral a academia, a porção mais rica de uma professora como eu é o registro de vida com alunos e parceiros de profissão. Roberto, primeiro como aluno, depois como professor, privilegiou-me com uma convivência feita de afeto, lealdade aos seus valores em tudo o que fazia e, mais tarde, com o fruto do casamento com outra aluna e parceira da Fundação de Economia e Estatística, Maria Heloisa Lenz, com as histórias da vivência com sua filha desejada e amada.

O convívio social reverbera ainda mais fortemente com seu colega e amigo João Sanson, que relata bons momentos de décadas de convivência com o Roberto, destacando os nada frugais e já mencionados jantares etílicos:

Conheci e convivi com o Roberto em que ele era parte do trio de gaúchos que incluía também Nuno Figueiredo Pinto e Adalberto Maia Neto quando de meu retorno à Universidade Vanderbilt para completar o doutorado durante os anos de 1977 a 1979. Foi a partir dessa amizade que me animei a negociar a ida, por transferência, para a UFRGS em 1984. [...] Formamos ainda nos anos 1980 um grupo que se reunia para jantares periódicos, regados a vinhos gaúchos. Participaram desde o início o Roberto, o Ernani Hickman, o Eugénio Cánepa e o Pedro Fonseca. Pelo que lembro agora, o Nali de Jesus de Souza e mais tarde o Giácomo Balbinotto, que tinha sido orientado na dissertação de mestrado pelo Roberto, também tiveram participação. Como regra, na primeira hora só falávamos sobre Economia, sem nada combinado previamente, mas incluindo desde a economia brasileira, a história do pensamento econômico até ideologia. O Roberto falava mais sobre a economia internacional e a macroeconomia, enquanto o Ernani e o Pedro complementavam o tema da macroeconomia. O Pedro ainda nos ilustrava com seus conhecimentos de história econômica. O Cánepa e eu levantávamos temas de microeconomia aplicada. As discussões eram gradualmente mais acaloradas pelo efeito do álcool e pela heterogeneidade ideológica, mas sempre com respeito mútuo. Nessa altura, as piadas sobre as dificuldades do dia a dia dos cidadãos soviéticos eram impagáveis, especialmente quando contadas pelo Cánepa. A criação e a implementação do doutorado em Economia da UFRGS e questões políticas do Departamento de Economia foram temas frequentes. Depois de minha saída de Porto Alegre em 1994, não mais tive a oportunidade de participar de um grupo que combinasse tão bem os aspectos intelectual e étlico.

O bom humor do Roberto aparecia nas situações mais inusitadas, como também relatado por Sanson:

Durante a visita de James Buchanan a Porto Alegre, em evento do Instituto Liberal, eu e o Giácomo tivemos a oportunidade de cumprimentá-lo rapidamente. Eu havia lido antigos escritos de Buchanan na área de economia do setor público, mas ainda estava mal-informado sobre os temas que o levaram ao Prêmio Nobel e pouco pude dizer a ele. O

Roberto, talvez por timidez e pelo receio de parecer um fã deslumbrado, não quis participar. Contudo, ao retornarmos para junto dele fez questão de apertar nossas mãos dizendo da satisfação de apertar a mão de alguém que cumprimentara um economista nobelizado. Esse é um exemplo do sempre presente bom humor do Roberto.

Finalizo esse artigo com a emoção demonstrada por seu grande amigo e colega Ernani Hickmann, que sintetiza a singela homenagem que buscamos fazer ao inesquecível Roberto Camps de Moraes:

Demorei para escrever esta homenagem. Isto porque para mim o Roberto não morreu. Lembro-me dele e ele me influencia ainda, positivamente, todos os dias. Tenho certeza de que algo semelhante ocorre com milhares de pessoas que com ele conviveram. O Roberto era e continua a ser o meu grande amigo e influenciador. Pela sua inteligência, caráter, sabedoria e cultura é daqueles seres humanos que contribuiria muito mais ainda para com o futuro da humanidade se tivesse esperado pela era, prevista por Yuval Harari, em que o *homo sapiens* evoluirá de mortal para amortal. Redes neurais como a do Roberto não deveriam jamais simplesmente sumir. Assim como deveriam permanecer vivas, para sempre, pessoas com a personalidade de Roberto Camps de Moraes.

Submetido: 24/01/2022

Aceito: 28/02/2022

Os Editores agradecem a Henrique Bidarte Massuquetti pelo apoio editorial.
--